

Moradia e condução absorvem salários

Em Ceilândia não há indústrias, embora haja mais de 500 estabelecimentos comerciais, quase todos construídos em madeira e em lotes destinados à habitação. Por esta razão, os trabalhadores são obrigados a tomar uma ou duas conduções para chegar ao Plano Piloto, o que, além de perda de tempo em ônibus sempre lotados (no mínimo uma hora), representa um gasto mensal de quase metade do salário mínimo.

Como a autoconstrução é cada vez mais intensa em Ceilândia, surgiram algumas lojas e indústrias de material de construção, cujos métodos para vender seus materiais não são os mais corretos.

— Exploram o povo de tudo quanto é maneira, lamenta-se a assistente social Maria de Lourdes, muito admirada pelos moradores e que exerce o cargo de administradora da cidade.

Segundo ela, uma firma construtora chegou até a ameaçar os moradores: os que não construíssem muros seriam "postos na rua". O fato tomou tais proporções que foi obrigada a proibir a construção de muros.

A falta de água também tem sido utilizada para exploração do "pobre contra pobre", pois os carroceiros enchem tonéis de água nas caixas públicas e vão vender a Cr\$ 30,00 nas quadras distantes.

E o pior — declarou — é que muitas vezes vendem água em barris de querosene sujos e causam doenças na população.

Sua atuação moralizante tem de se dirigir também às firmas contratadas para trazer água em caminhões, cujos motoristas "recebem gorjetas para dar água".

A ESPERANÇA

No cenário triste de Ceilândia, a figura de Maria de Lourdes surge como uma força dinâmica que utiliza todo o vigor de seus 31 anos e todos seus conhecimentos de assistente social para transformar Ceilândia em um modelo de desenvolvimento comunitário. Ela acompanha a população da Ceilândia desde os tempos do IAPI e é esta vivência prática que lhe tem dado mais informações para seus trabalhos do que os ensina-

mentos da Universidade de Brasília.

As oito horas da manhã ela já está no seu gabinete — uma loja improvisada — onde permanece até à noite. Aos sábados e domingos participa de várias reuniões comunitárias, concursos de música, mutirões, festas, inaugurações. Seus laços afetivos com a população são fortes. Por isto ela aceitou ser administradora quando, no ano passado, Ceilândia deixou de ser um bairro de Taguatinga para tornar-se uma subadministração. Na ocasião sua indicação foi muito comentada em Brasília, onde os homens se impressionavam com a coragem e duvidavam da capacidade de uma mulher para governar uma das cidades "mais perigosas" do Distrito Federal.

"Eu tenho um compromisso com esta gente, e se perceber que sendo governador do Distrito Federal poderia ajudá-los melhor, pensaria até em aceitar um cargo desses."

PODER LIMITADO

A população confia em Maria de Lourdes, embora muitos percebam que seu poder é bastante limitado. A liberação de verbas depende do governo do Distrito Federal e segue os lentos trâmites da burocracia. Os trabalhos de infra-estrutura são de responsabilidade de órgãos e secretarias do governo. Muitos moradores de Ceilândia não entendem essa problemática e vão ao gabinete de Maria de Lourdes — cujas portas estão sempre abertas — exigir coisas, tais como "ligar a água já".

Outros procuram a administradora para saber que nome darão ao filho, qual a cor que deve ter a pintura da sua casa ou, então, para lhe oferecer uma rosa, "a primeira que brotou no jardim". Ela recebe todos com paciência, procurando fazer com que assumam suas vidas e suas decisões. Maria de Lourdes só se irrita com a imprensa, sempre pronta a divulgar qualquer crime que acontece em Ceilândia.

"Eles exageram e atrapalham ainda mais a vida deste povo, que no entanto é muito bom. Hoje a população é constantemente discriminada. Quando dizem que são da Ceilândia, não conseguem nem mesmo um emprego."